

Maria Zaira Turchi

Sempre novo e sempre antigo, o tema do amor reaparece e permanece aberto à espera de outras interpretações. Sem poder vislumbrar fim ou começo, a sua apreensão se dá nos discursos, inúmeros e às vezes antagônicos, da filosofia, da arte, da psicanálise, ou das ciências em geral. O livro de Salma Silva se propõe a uma nova investida e revela as faces do mito de Eros nos contos de fadas de Marina Colasanti. Crítica e literatura se entrelaçam, suavemente se tocam. Assim, enredado nos discursos, Eros é um modo de ser, de ver, de escrever. Por isso, a obra *O mito do amor em Marina Colasanti* sabe bem que o verbo amar e o verbo ler não admitem o imperativo; o amor e a leitura só possuem existência plena no prazer, na sedução compartilhada com o outro. Ao tratar do tema do amor, o discurso crítico de Salma revela-se prazeroso, seduzindo o leitor para uma aventura sem limites no universo literário. O seu texto se oferece generosamente ao diálogo; quer o leitor e consegue envolvê-lo na teia do discurso simbólico de Marina Colasanti.

O caminho da crítica do imaginário permitiu que a estudiosa descobrisse nos contos selecionados, retirados dos livros *Uma idéia toda azul*, *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, *Entre a espada e a rosa* e *Longe como o meu querer*, configurações simbólicas essenciais de um amor egoísta, que se dobra sobre si mesmo, narcísico, e de um amor compartilhado, que tem no discurso, na palavra, a possibilidade de união harmoniosa das duas metades. O estudo de Salma mostra, ainda, o percurso iniciático que cumprem as personagens para alcançar a compreensão de si mesmas e do amor. Com competência e profundidade, a obra dá conta do processo de atualização do mito de Eros nos contos de Marina Colasanti e da inserção dessa questão no mundo contemporâneo.

Duas escolhas felizes: o corpus literário e o recorte crítico. Marina Colasanti, premiada escritora da literatura brasileira, possui uma vasta obra que inclui contos de fadas, contos, minicontos, crônicas, poemas. Incursiona, ainda, pelo ensaio e pelo texto jornalístico, além de ilustrar alguns de seus livros. Rompe todas as fronteiras, escrevendo para crianças, jovens, adultos e, com sua marca inconfundível, realiza uma prosa poética de alto teor simbólico. Nesse sentido, a escolha da hermenêutica simbólica na perspectiva da antropologia do imaginário serve bem ao propósito de investigar o mito do amor nos contos de fadas da autora.

A publicação do livro de Salma Silva vem consolidar duas importantes linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás: as pesquisas no campo da literatura infantil e juvenil e as no campo da crítica do imaginário. A qualidade estética da produção brasileira para crianças e jovens exige estudos críticos, e a Faculdade de Letras da UFG tem atuado, com lucidez e competência, nessa área. Destacam-se, também, as pesquisas voltadas para a relação entre literatura e imaginário, especialmente na direção da metodologia proposta por Gilbert Durand, que procura encontrar as lições de um mito e as suas correlações com outros mitos de uma época e um espaço determinados. Para o antropólogo, o mito constitui a dinâmica do símbolo, não apenas porque o discurso mítico anima e mantém atuantes os símbolos, mas porque o mito põe em movimento os antagonismos e a dialética culturais que alimentam o simbólico. Pelo caminho da hermenêutica simbólica, o livro *O mito do amor em Marina Colasanti* é capaz de conciliar a densidade e a leveza, a profundidade e a fluência, infundindo no leitor o desejo de ler os contos analisados. O texto alcança uma simplicidade, mesmo tratando de questões complexas da crítica literária, e consegue ultrapassar o abstrato das reflexões teóricas e se deixa ler como práticas de análise do discurso concretizado na obra. Assim, além de se estabelecer como importante estudo crítico sobre a obra de Marina Colasanti para o leitor especializado, fazendo a pesquisa avançar na direção de uma fortuna crítica da

autora e da construção de uma crítica do imaginário no Brasil, o livro de Salma se oferece, também, ao leitor comum, introduzindo-o no palpitante tema do amor e na leitura dos belíssimos contos de fadas da escritora.

É um livro que se lê com gosto, capaz de transformar a paixão da estudiosa pela obra de Marina Colasanti e pelo tema do amor em objeto de desejo do leitor que fica instigado em ler ou reler os contos da escritora. Sem dúvida, o trabalho de Salma atende ao que o crítico George Steiner afirma como uma das principais funções da crítica: mostrar o que reler e de que modo.

Na sociedade dessacralizada, dominada pela técnica e pela repressão difusa, demandando uma revisão de papéis na construção de uma nova noção de identidade e alteridade, masculina e feminina, a pergunta se impõe: qual o caminho possível para o amor, para o entendimento entre os seres humanos? Salma vai mostrar que é pela via do mito que Marina Colasanti revela as faces do amor e apresenta uma saída no diálogo, no entendimento pela palavra. Dessa forma, o discurso crítico consegue revelar na obra literária um esboço de uma teoria do amor na atualidade que tem como postulado fundamental a busca de uma transitividade num mundo esvaziado, massificado, em que amar se consome no amar, fazer se consome no fazer, ensinar se consome no ensinar. À ausência de sentido do mundo, o amor precisa responder com a transitividade, com a interlocução, com o diálogo.

Eliana Yunes

O ensaio que Salma desenvolve sobre a obra de Marina Colasanti, na vertente do imaginário assumido, valoriza criticamente a recepção da escritora, remetendo sua leitura para universos mais complexos em que a intertextualidade e a interdisciplinaridade preponderam. O olhar atento de quem garimpa pérolas faz do trabalho de Salma uma elaborada trama – um tecido de linguagem crítica – que acompanha o poético texto com que dialoga.

Marina Colasanti

Salma,

Que belo trabalho o teu! Sólido, bem encadeado, claro. Bonito mesmo. Eliana já havia me prevenido, mas ainda assim fiquei agradavelmente surpresa. Você transitou tanto em mim que surpreende-me não ter ouvido teus passos. Já tive que andar no teu trabalho com passos leves leves, pois esse desandamento pode ser fatal, em se tratando de contos de fadas. [...]

Obrigada por ter se ocupado de mim com tanta devoção e carinho.

Um beijo de muito afeto